# OS PEDREIROS LIVRES DO IMPÉRIO:
# EM DEFESA DA HUMANIDADE NA IMPRENSA CEARENSE (1873 – 1875).

Paulo César Freire Sá[1]

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a representação de cidade moderna almejada por um grupo de jovens diferenciados intelectualmente e financeiramente para o período, através das páginas do periódico para o qual escreviam. No recorte de 1873 a 1875, período no qual circulou o órgão impresso destes mesmos jovens, utilizando como fontes o jornal maçônico *Fraternidade*, jornal pelo qual o grupo de jovens expressava o seu ideal de cidade moderna para Fortaleza através de suas leituras do liberalismo e de outros pensadores de seu período, e o jornal *Tribuna Católica* que representava o ideal de cidade defendida pela Igreja Católica e atacava os ideais dos jovens intelectuais dentro e fora da imprensa. Em meio a isso temos as transformações vivenciadas pela cidade de Fortaleza no novo âmbito capitalista que começava a se firmar através das indústrias e dos novos costumes burgueses.

**PALAVRAS-CHAVE**: Cidade, Liberalismo e Representação.

## THE FREEMASONS EMPIRE:
## IN DEFENSE OF HUMANITY IN CEARÁ PRESS (1873 – 1875).

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the representation of desired modern city by a group of young differentiated intellectually and financially for the period, through the pages of the journal for which they wrote. In clipping from 1873 to 1875, during which circulated the printed organ of these same young people, using as sources the Masonic *Fraternidade* newspaper, newspaper in which the youth group expressed their ideal modern city to Fortaleza through their readings of liberalism and other thinkers of his time, and the *Tribuna Católica* newspaper that represented the ideal city defended by the Catholic Church and attacked the ideals of the young intellectuals in and out of the press. Through it we have the transformations experienced by the city of Fortaleza in the new capitalist framework that was beginning to take hold across industries and new bourgeois habits.

**KEYWORDS**: City, Liberalism and Representation.

[1] MARX, Karl. **A Ideologia Alema**: Feuerbach – A contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. São Paulo: Editora Martin Claret, 1932. P.44.

## 1. Introdução

Roger Chartier (2002) é provavelmente o nome que envolve o debate entre práticas e representações no campo da História Cultural, mas esse debate passa longe de unanimidades, enquanto alguns ainda encaram a ação prática direta, outros desenham um mundo em linhas coloridas trancados em quartos onde nem sequer conseguem ver a luz do dia, ambos ignorando uma realidade, estrutural e que é vivida em uma pluralidade, mas ainda assim com pontos de interseção.

O que queremos dizer é que ainda existem doses (algumas maiores outras menores) de discordância entre um equilíbrio para práticas e representações, estas discordâncias vêm antes do próprio Marx e provavelmente serão posteriores a Chartier.

O equilíbrio que seria a possível chave para a solução de diversos problemas que envolvem o próprio homem, parece uma das possíveis respostas para as vertentes que se apresentam nas questões entre práticas e representações. Também é importante darmos a devida atenção para os processos históricos que envolvem estes dois conceitos, um simples exemplo como o de um homem que atravessa a rua e de repente é surpreendido por um carro pode nos levar a refletir sobre a relação entre estes conceitos, não havendo muito tempo para refletir sobre as diversas possibilidades que poderia ter, este homem deveria agir o mais rápido possível e sair da trajetória do carro, mas ainda assim, este exemplo não implica no afastamento de um pensamento representativo, pois feita a escolha errada, o fim poderia ser trágico.

Tomemos agora como exemplo um homem qualquer que sofra de miopia, para ele existe um tipo de lente que é feita exclusivamente para aquele tipo de problema, caso ele pense em usar uma lente que possua menos ou mais graus do que o necessário estaria na verdade se prejudicando, a lente seria similar ao conceito para o historiador, necessitamos de algo que nos permita enxergar melhor os nossos objetos, não nos valemos por grandes ou poucos números, mas por aquilo que nos permite enxergar o que não vemos sozinhos.

Entre práticas e representações não estão apenas necessidades acadêmicas, mas também as ações daqueles que olhamos do alto de nossas torres, os praticantes, e por que não representantes? A dialética é também mágica, ela nos permite ser o que escrevemos sobre os outros, ao observarmos o outro enquanto praticante, também nos tornamos um, não somente pelo fato de tentarmos tomar o lugar dos olhos daquele que observamos, mas porque também somos praticantes de um espaço e tempo muitas vezes diferente daquele que estamos estudando, mas enquanto observamos, também fazemos parte da História.

A prática passa a ser não somente a intervenção no real, mas também o modo como ela foi construída, temos então a prática de se ler e escrever, de preparar o alimento e de comer, a

prática de andar e a de observar. E entre essas práticas também encontramos as representações, que marcam as visões de grupos sobre uma determinada estrutura, a pergunta que gira em torno das representações nos trás a seguinte questão: até onde sabemos o que é real e o que é representação? Para Marx:

> Os pressupostos dos quais partimos não são arbitrários nem dogmas. São bases reais das quais não é possível abstração a não ser na imaginação. Esses pressupostos são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas que eles já encontraram elaboradas quanto aquelas que são o resultado de sua própria ação. Esses pressupostos são, pois, verificáveis empiricamente.[2]

Para o marxismo a representação é uma das vertentes de uma realidade material, subjugada sempre ao real material, ela não o substitui e não o cria, mas o representa no campo do imaginário.

> A produção de idéias, de representações e da consciência está, no princípio, diretamente vinculada à atividade material e o intercambio material dos homens, como a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio espiritual entre os homens, aparecem aqui como emanação direta do seu comportamento material.[3]

Compartilhando do pensamento de Marx, Ciro Flamarion Cardoso nos trás mais questões entre realidade e representação, para ele:

> Pessoalmente, pertenço ao grupo daqueles que acham, pelo contrário, que, que quando se tenta absolutizar essa noção – quando ela é tomada literalmente -, ela entre "em conflito co o fato óbvio de que não criamos mundos, mas sim que estamos em um": um mundo físico que indubitavelmente não criamos e que nos precede de quatro bilhões e seiscentos milhões de anos, aproximadamente (segundo o cálculo mais usual da idade deste planeta), e um mundo social que, além de preceder nossos "textos" sobre ele, longe está de ter o seu conhecimento redutível a mero efeito de construções sígnicas.[4]

Ciro Flamarion Cardoso nos trás reflexões sobre a utilização das representações, a representação quando tomada literalmente não abraçaria a totalidade de um real material condicionado anteriormente a própria existência humana no espaço e no tempo, nascemos em um espaço com características de uma civilização própria e culturalmente padronizada, dentro dela lutamos com astúcia mediante as armas das quais podemos empunhar, essa realidade não poderia sozinha ser modificada ou abraçada na representação.

Já para Roger Chartier, as representações nos permitem:

---

[2] MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**: Feuerbach – A contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. São Paulo: Editora Martin Claret, 1932. P.44.
[3] Idem. P. 51.
[4] CARDOSO, Ciro Flamarion. (org.) e MALERBA, Jurandir. (org.). **Representações: Contribuição a um debate Transdisciplinar**. São Paulo: Papirus Editora, 2000.P . 10.

> Conceber a construção das identidades sociais como sendo, invariavelmente, o resultado de uma luta entre representações impostas por aqueles que têm o poder de classificar e nomear e as definições que cada comunidade então produz de si mesma (seja docilmente, seja resistindo às representações impostas) (...); Ver na divisão social objetivada um reflexo da crença concedida à representação que cada grupo produz de si mesmo, baseada em sua habilidade de ganhar reconhecimento para sua existência mediante uma exibição de unidade.[5]

Para Chartier as representações também ocupam o espaço de disputas pelo poder, seriam aqueles com uma realidade material maior que teriam maior controle sobre as representações?

Ainda no campo das práticas e representações, dois intelectuais tiveram a sua produção na busca de contribuir para o avanço de questões na área do espaço e das práticas, Michel de Certeau e Pierre Bourdieu. Para Certeau as práticas urbanas ocorrem em um espaço que ele denominou de *cidade-conceito*:

> A produção de um espaço *próprio*: a organização racional deve portanto recalcar todas as poluições físicas, mentais ou políticas que a comprometeriam; estabelecer um *não-tempo* ou um sistema sincrônico, para substituir as resistências inapreensíveis e teimosas das tradições: estratégias cientificas unívocas, possibilitadas pela redução niveladora de todos os dados, devem substituir as táticas dos usuários que astuciosamente jogam com as “ocasiões” e que, por esses acontecimento-armadilhas, lapsos da visibilidade, reintroduzem por toda a parte as opacidades da história; (...).[6]

Certeau delimita o espaço a partir do urbano na modernidade, a sua gestão deveria suprimir todas as doenças e loucuras que atacam um sistema de autocontrole, mas essa cidade possui para ele, local de astúcia dos mais fracos, que buscam reinventar o cotidiano a partir de ações microbianas, singulares e plurais, seriam o que ele chama de *práticas urbanas*:

> Ao invés de permanecer no terreno de um discurso que mantém o seu privilégio invertendo o seu conteúdo (que fala de catástrofe e não mais de progresso), pode-se enveredar por outro caminho: analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem a seu perecimento; seguir o pulular desses procedimentos que, muito longe de ser controladas ou eliminadas pela administração panóptica, se reforçam em uma proliferação ilegitimada, desenvolvidos e insinuados nas redes da vigilância, combinados segundo táticas ilegíveis mas estáveis a tal ponto que constituem regulações cotidianas e criatividades sub-reptícias que se ocultam somente graças aos dispositivos e aos discursos, hoje atravancados, da organização observadora.[7]

[5] CHARTIER, Roger.“The world as representation (1989)”. In: REVEL, J. e HUNT, L. (orgs.) **Histories. French constructions of the past.** Trad. De Arthur Goldhammer. Nova York: The New Press, 1995. P. 522.
[6] CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, Tradução: Ephraim Ferreira Alves, 1994. P.173.
[7] CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, Tradução: Ephraim Ferreira Alves, 1994. P.173.

Para Michel de Certeau as práticas estão interligadas entre duas versões de uma mesma realidade, a proposta por uma gestão e a vivida por um indivíduo ou grupo, esse combate planejado e inconsciente sobrevive no espaço da modernidade.

Já para Pierre Bourdieu, o espaço se delimita enquanto campo, e para ele, o campo:

> Em cada campo se encontrará uma luta, da qual se deve, cada vez, procurar as formas especificas, sobre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência.[8]

Com vertente da análise estruturalista, Bourdieu desenvolve um espaço de lutas constantes por espaço e por sobrevivência, talvez as lutas de classes travadas por Marx, as lutas travadas no e pelo espaço, também geram o que ele denominou de *habitus*:

> Pode-se mesmo explicar em termos sociológicos o que aparece como uma propriedade universal da experiência humana, isto é, o fato de que o mundo familiar tende a ser considerado evidente, percebido como natural. Se o mundo social tende a ser percebido como evidente (...), é porque as disposições dos agentes, seu *habitus*, isto é, as estruturas mentais mediante as quais apreendem seu mundo social, são essencialmente o produto de uma internalização das estruturas do mundo social.[9]

"Uma internalização das estruturas do mundo social" seria esse o habitus para Bourdieu, o habitus seria o resultado da tensão entre o *eu* e *nós*, das relações cotidianas de homens inseridos em um sistema maior que os determina em menor ou maior escala.

> O *habitus* é não somente uma estrutura estruturante, que organiza as práticas e a percepção das mesmas, mas também uma estrutura estruturada: o principio da divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, ele próprio, produto da interiorização da divisão em classes sociais.[10]

O debate que tentamos apresentar aqui é apenas uma pequena parcela dos mundos que envolvem os debates entre práticas e representações, utilizaremos alguns dos conceitos aqui apresentados para melhor compreensão do nosso objeto de pesquisa, a representação de cidade moderna, a *cidade-conceito*, por parte de um grupo de jovens que escreviam um jornal de caráter maçom no século XIX em Fortaleza, criticando a sua atual gestão católica.

## 2. A Representação Ganha Forma: O *Fraternidade* Pelas Ruas de Fortaleza.

---

[8] BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 89.
[9] BOURDIEU, Pierre. **In the words**. Essays rowards a reflexive sociology. Trad. De M. Adamson. Londres: Polity Press, 1990. P. 131.
[10] BOURDIEU, Pierre. **Distinction**. A social critique of the judgment os taste. Trad. De R. Nice. Cambridge (mass.): Harvard University Press, 1984. P. XIII.

A denominação *pedreiros livres* vem do próprio *Fraternidade*[11], quando os redatores do periódico afirmam a condição maçônica das lideranças dos movimentos de 1817 e 1824, a quem chamam, segundo definição própria dos maçons, de "pedreiros livres". Em outro momento fazem alusão aqueles que implantaram a Maçonaria no Ceará,[12] citando certo padre Sucupira, a quem NEVES acredita ser José Ferreira Lima Sucupira, que tomou parte da Confederação do Equador, sendo indicado deputado pelo Ceará ao Congresso de Recife.[13]

Utilizo o termo "pedreiros livres", entendendo a construção da representação de cidade "moderna" e alinhada ao "progresso" a partir de idéias, *liberalistas, positivistas e evolucionistas*, concretas para os redatores do jornal maçom, pois tais idéias alinhavam o ambiente intelectual da cidade de Fortaleza as suas transformações urbanas, e os jovens intelectuais maçons se colocaram a disposição do papel de construtores da nova realidade almejada por eles para a capital cearense. E o termo "em defesa da humanidade" é reflexo da própria produção do grupo intelectual, o termo se fazia presente em boa parte das publicações no jornal.

Observando algumas das modificações urbanas e intelectuais a nível mundial (Europa), nacional (Brasil) e local (Fortaleza), somando-se as transformações urbanísticas, políticas, sociais e morais do mundo capitalista, burguês e liberal; buscaremos analisar como estas transformações foram representadas nos anos de 1873 a 1875 pelos editores do jornal maçom *Fraternidade*, na busca de alinhar Fortaleza ao novo âmbito "moderno" e de "progresso".

Sânzio de Azevedo, (AZEVEDO, 1989.), identifica a primeira agremiação, propriamente dita, de que se tem notícia na cidade de Fortaleza, a Fênix Estudantal, fundada por R. A. da Rocha Lima, que na época tinha apenas 15 anos de idade, João Lopes e Fausto Domingos, teria surgido em 1870. Ainda por volta de 1815, surgiam no Ceará vários poetas em torno do governador Manuel Inácio de Sampaio. Esses poetas formavam os chamados Oiteiros, mas estes não eram exatamente um grêmio, mas reuniões literárias, onde Costa Barros, Pacheco Espinosa, Castro e Silva e outros recitavam poemas em louvor do governo, seguindo, segundo AZEVEDO, os preceitos da poesia neoclássica. "É com os Oiteiros, realmente, que se inicia a literatura do Ceará. Todavia, o primeiro grande grupo de escritores (embora sem intenção de formar um grêmio) surgirá na década de 70".[14]

Segundo AZEVEDO, depois da experiência juvenil da Fênix Estudantal, Rocha Lima seria um dos vultos de maior relevo da chamada Academia Francesa, que existiu de 1873 (Barão

[11] *Fraternidade,* 12/05/1874, p. 1.
[12] *Fraternidade*, 30/06/1874, p. 1.
[13] NOBRE, Geraldo. **"A Revolução de 1817 no Ceará."** In: SOUZA, Simone de. **História do Ceará.** 2 ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994, p. 370. E NEVES, B. A. C. **Intrépidos Romeiros do Progresso**: maçons cearenses no Império. Fortaleza: Museu do Ceará, 2009. P. 55.
[14] AZEVEDO, Sânzio. **Grêmios Literários do Ceará.** In: SOUZA, Simone de. (Org.) **História do Ceará.** Fortaleza: UFC, Fundação Demócrito Rocha, 1989. P. 180.

de Studart registra 1872[15]) a 1875 aproximadamente, atravessando o período provincial. Para Sânzio:

> Essa Academia Francesa, na verdade, não era nem academia, nem francesa: segundo Dolor Barreira[16], foi Rocha Lima quem, já sabedor da existência da chamada Escola do Recife, onde predominavam as idéias germânicas, chamou, por gracejo, seu grupo de Academia Francesa, pelo fato de lerem Comte, Taine, Littré, Burnouf, Renan, Quinet e outros luminares do pensamento francês, embora também lessem Darwin, Spencer, Stuart Mill, Kant, Schopenhauer, Ratzel, Buckle e outros autores alemães e ingleses. Ele, Rocha Lima, ao lado de Tomás Pompeu e outros, talvez nem pretendesse fazer um grêmio, pois esse grupo, que chegaria a ser um dos de maior peso na história cultural de nossa Província, pelo valor da maioria de seus componentes, não tinha presidente, nem atas, nem estatutos, nem mesmo sede, pois conta-se que pelo menos a principio se reuniam ora na casa de Rocha Lima, ora a de Tomás Pompeu...[17]

Além dos já citados Rocha Lima e Tomás Pompeu, respectivamente, uma das mais completas vocações de crítico que já tivemos e "o pai espiritual de toda essa geração de pensadores", como dele disse Farias Brito e nos apresenta AZEVEDO, também compunham o grupo Capistrano de Abreu[18], crítico e, mais tarde, um dos grandes historiadores do Brasil, Araripe Júnior, que seria vulto exponencial da crítica literária brasileira, no tempo do Realismo, e mais João Lopes, Xilderico de Faria, França Leite, Antônio José de Melo, Felino Barroso e Amaro Cavalcante. Também é importante destacarmos que Rocha Lima, Capistrano de Abreu e Araripe Júnior estudaram Direito em Pernambuco, de 1870 a 1872.

A partir das considerações feitas em nosso primeiro capítulo sobre as relações políticas e culturais entre Pernambuco e Ceará, somando-se as características apresentadas por AZEVEDO, podemos pensar a relação de produção literária Pernambuco – Ceará, a partir da Escola de Recife e da Academia Francesa, entretanto, Afrânio Coutinho[19], com base nas afirmações de Sílvio Romero, membro da Escola do Recife, que firmava a fase crítico-filosófica da Escola do Recife somente a partir de 1873, fazendo que Coutinho concluísse que a Academia Francesa não foi repercussão do movimento de Recife, além dos valores e produções dos membros da Academia, que segundo ele, por si só, já demonstravam os seus valores e que ela não era apenas um reflexo do que acontecia em Recife ou São Paulo.

Gleudson Passos também trás a sua opinião sobra a Academia Francesa:

> A partir de 1872, com a formação da Academia Francesa, esta experiência deu-se em debates constantes na imprensa local (jornais, pasquins, folhetos) e a agitação das idéias filosóficas e valores de classe na cidade, com as leituras sociais tentando recriar modos

[15] STUDART, Guilherme Barão de. **Para a História do Jornalismo Cearense (1824 _ 1924).** Fortaleza: Typografhia do Instituto do Ceará, 1925.
[16] BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense.** Fortaleza: Instituto do ceará, 1948.
[17] AZEVEDO, Sânzio. **Grêmios Literários do Ceará.** In: SOUZA, Simone de. (Org.) **História do Ceará.** Fortaleza: UFC, Fundação Demócrito Rocha, 1989. P. 181.
[18] Para melhor conhecimento sobre a vida e obra de Capistrano, ler AMED, Fernando. **As Cartas de Capistrano de Abreu:** Sociabilidade e vida literária na *belle époque* carioca. São Paulo: Alameda, 2006.
[19] COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil.** 2 ed. Rio de Janeiro: Sul-Americana, vol. 3, 1968.

> de vida para os indivíduos, principalmente entre o período que compreende o final do regime monárquico e o inicio da República.[20]

Para AZEVEDO, é no ano de 1873 que temos a fundação do jornal *Fraternidade*, órgão da Aug. Loj. Frat. Cearense, fundado por Tomás Pompeu e Xilderico de Faria, aos quais se juntaram João Lopes e João Brígido, este último não pertenceu a Academia Francesa, assim como João Câmara. Rocha Lima, segundo AZEVEDO, era extremamente independente, apenas depois de alguma hesitação concordaria em escrever no periódico.

Segundo informações do próprio jornal, nem todos os seus redatores passaram pela Academia Francesa, podendo existir uma troca de idéias entre os órgãos intelectuais devido à presença de alguns membros em ambas as instituições, mas devido o jornal não apresentar publicações que vinculem o *Fraternidade* a Academia Francesa, também não o farei.

Hoje o jornal encontra-se microfilmado na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, em Fortaleza, segundo Barão de Studart[21]:

> "Fraternidade", publicado em Fortaleza, dizia-se órgão dedicado a causa da humanidade e de propriedade da Aug. Loj. Frat. Cearense. Tinha por moto as palavras: "Ordo ab Cahao". Publicava-se as terças-feiras. O 1° número é de novembro. Impresso na Typ. Brazileira por Francisco Perdigão. Tinha como redatores: Thomaz Pompeu Filho, Araripe Júnior, João Lopes Ferreira Filho, Xilderico de Farias e João Brígido dos Santos, que se podia dizer foi seu fundador e diretor. Nelle colaboraram: Rocha Lima, Dr. Basson e o Padre Senador Th. Pompeu.

As informações trazidas por Barão de Studart mostram alguns fatos novos em relação às definições de AZEVEDO. Na lista de redatores temos o nome de João Brígido dos Santos como fundador e diretor do jornal, a diferença na escrita do nome de Thomaz Pompeu, Tomás Pompeu, para Sânzio, deve provavelmente refletir o tempo da escrita. Barão de Studart apresenta Rocha Lima como colaborador, e não redator, assim como Dr. Basson e o Padre Senador Pompeu, a presença deste último pode ser explicada a partir da discussão feita no primeiro capítulo dessa monografia sobre o papel da Maçonaria como um organismo de possível ascensão social, até mesmo para padres que almejavam um novo status social.

O jornal teve a sua primeira publicação no dia 4 de novembro de 1873, era publicado semanalmente, todas as terças-feiras, mesmo dia das reuniões na loja maçom. Do dia 4 de novembro ao dia 23 de dezembro de 1873, temos os números de publicação 1 – 8, do dia 6 de janeiro a 19 de dezembro de 1874, temos os números de publicação 9 – 52, e do dia 5 de fevereiro a 27 de abril de 1875, temos os números de publicação 53 – 58. Como faltas temos em 1873, no mês de dezembro, dia 16 a publicação número 7, e em 1875 o jornal não circulou no

[20] CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual:** Biscoito fino e travoso. 2ª Ed., Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de cultura do estado do Ceará, 2006. P. 17.
[21] Informações contidas na própria microfilmagem.

mês de janeiro, apesar de pensarmos em possíveis perseguições vindas por parte da Igreja ou mesmo em motivos técnicos, como a própria tipografia, os motivos das faltas não foram apresentados no jornal. O periódico também contém as publicações de obras da Escola Popular, que será trabalhada no próximo capítulo.

Foi a partir das páginas do *Fraternidade* que esses jovens intelectuais representaram a cidade "moderna" e alinhada ao "progresso" que almejavam junto as transformações urbanas de Fortaleza e do país. É importante lembrarmos que essa representação de cidade, partindo do pensamento liberal do século XIX apresentado neste capítulo, atacava diretamente a Igreja Católica e seus pilares morais, também como órgão intelectual, a Igreja Católica representava o seu ideal de cidade e criticava o *utopismo* dos jovens redatores maçons através do jornal católico *Tribuna Católica,* que era impresso desde 1865, e teve como redator-chefe nos anos de 1868 e 1869, Manoel Soares da Silva Bezerra, o qual foi reconhecido por Rocha Lima, apesar das idéias "caducas" de um católico, como um grande intelectual de sua época.

> No que se refere a "defesa dos direitos da igreja" é fundamental perceber o papel da imprensa católica e do partido católico. Na Imprensa, destacamos a atuação de jornais como: **A Tribuna Católica** e **A Verdade,** que funcionavam não só como instrumentos de "defesa dos direitos da Igreja", mas sobretudo como canais de divulgação das teses defendidas pela Igreja reformada.[22]

Farei menção a algumas das publicações do *Tribuna Católica*, mas sem fugir de nosso objetivo central de entender a representação de cidade defendida pelo jovens intelectuais maçons, a partir de suas idéias liberais. Para isso, entendo como representação:

> As lutas de representações têm tanta importância como as lutas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.[23]

Assim, passaremos a analisar as representações e propostas de reforma ou revolução social e de laicização da vida dos redatores do *Fraternidade*.

> As ideias e não os factos dirigem o mundo. [...] Quando ellas tornam-se as aspirações geraes de uma época, quando são as expressões das necessidades de um povo, força é, que se traduzam nas leis e costumes do paiz que as vio nascer. Comprimi-las ou oppor-lhes barreiras é crear a resistência, que pode formular-se em revolução. As idéias nascem com o desenvolvimento intellectual de cada povo, e desde que cahem no domínio publico tornam-se o patrimônio de uma nação, uma, como que alimentação moral de cada individuo. A missão de todo governo humano é dar-lhes direcção conveniente por uma satisfação razoável e justa. Para as velhas nacionalidades da Europa a liberdade de consciência é hoje um facto. Apos longos annos de luta entre a

[22] PINHEIRO, Francisco José. **O Processo de Romanização no Ceará.** In: SOUZA, Simone de. (Org.) **História do Ceará.** Fortaleza: UFC, Fundação Demócrito Rocha, 1989. P. 197.
[23] CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. P. 17.

> igreja e o estado, este conseguio um triumpho assignalado noa annaes históricos da humanidade, dando os direitos de cidade a consciência universal.[24]

Em 1873, a razão já se mostrava operante na leitura de "nova cidade" dos editores do jornal, as idéias aparecem como formuladoras da realidade, e não mais a fé. Segundo os editores do *Fraternidade*, quando a razão passava a representar as "necessidades de um povo" era necessário que esta se traduzisse em novas leis e costumes; Opor-se a essas novas representações era criar uma resistência que poderia transforma-se em revolução. As novas idéias nasciam a partir do desenvolvimento intelectual de cada povo, mostrando o caráter dos maçons em defesa da educação, tais idéias formariam a "alimentação moral" de cada povo. E seria papel do governo dar-lhes uma direção, razoável e justa. Os editores ainda citam a vitória do Estado europeu sobre a Igreja, fazendo com que suas cidades tivessem direito a "consciência universal". A partir desse trecho percebemos a defesa de um Estado sólido e que tivesse total autonomia e conhecimento para guiar o seu povo pelos caminhos do progresso, dialogando com o pensamento positivista no que diz respeito ao Estado-Providência defendido por Comte.

> Que idéia cristã já realizou nos nossos tempos o clero brasileiro, que pedra veio ele lançar no edifício da nossa moral? Condizem com a época, em que se debatia no país a grande idéia da emancipação dos escravos, as procissões jesuíticas, uma novidade nas ruas apulentas das nossas cidades, os jejuns convertidos em virtude, o catecismo e a pratica em cada aldeia do Império, a superstição atingindo as proporções das idades bárbaras: pelo pobre cativo, porém, nem uma palavra de piedade, um voto aos poderes do estado! Eram os maçons que se cotizavam para remir os seus conterrâneos [...], eram eles que ocupavam a imprensa, pregando a unidade da espécie humana, a libertação do cativo, a idéia cristã do homem irmão [...], enquanto nos púlpitos se sucediam os padres italianos pregando a unidade da igreja na posse de Roma, a unidade da fé na infalibilidade do pontífice-rei! Quem seriam os verdadeiros crentes, e os fariseus! O escravo [...] era considerado de direito divino à face do mundo cristão pela imprensa católica do Ceará [...].[25]

No dia 25 de novembro vemos uma forte crítica a Igreja Católica a partir da questão "é a escravidão um direito divino"? Apesar das leituras liberais que apresentei neste capítulo variarem de acordo com os interesses de quem as utilizava, podemos perceber a defesa do editores do *Fraternidade* por uma cidade abolicionista, um dos principais pontos de representação do liberalismo europeu.

> Formular a lei do desenvolvimento civilisador de cada povo é mostrar o grau de conhecimento a que lhe tem chegado intellectualmente. Foi esse theorema histórico que o sábio inglez Buckle desenvolveu brilhante em sua obra intitulada – historia da civilisação da Inglaterra. – Para elle as idéias moraes são antes instituições invariáveis da razão humana, do que postulados scientíficos que se completam e desenvolvem nos períodos históricos. E assim, diz elle, que a moral de hoje é mais ou menos o que foi nos tempos primitivos, aparte o elemento intellectual que a desenvolve e da-lhe uma feição

[24] *Fraternidade*, 02/12/1873.
[25] *Fraternidade*, 25/11/1873.

> actual. Pensamos também com o sábio historiador, que a differença a notar entre as acções moraes de um povo em diversas épocas é resultado do adiantamento intellectual que se opera n'elle atravez dos séculos.[26]

Neste trecho podemos destacar a leitura da obra de um historiador inglês, o que demonstra o caráter letrado e elitista dos editores, levando em consideração as características intelectuais da população de Fortaleza no período, apresentadas no primeiro capitulo dessa monografia. Analisando o trecho citado, também podemos perceber o reflexo defendido pelos editores do jornal entre "desenvolvimento civilizador" e o "grau de intelectualidade" de um povo, para os editores, as ações morais de um povo são resultado de seu adiantamento intelectual, portanto, Fortaleza se mostrava atrasada, refletindo as ações morais de uma instituição intelectualmente atrasada, a Igreja Católica.

> Em contrário [...] ao que é positivo e real, o ultramontanismo, imbuído de princípios caducos e anacrônicos, pretende sujeitar os povos e a humanidade inteira ao regime da célebre Companhia de Jesus [...]. O ultramontanismo criou um tipo unido de moral religiosa, tipo que se resume na completa abdicação da liberdade de pensar e adorar a Deus segundo suas forças, em favor do dogmatismo do ritual romano.[27]

Em 9 de dezembro podemos observar as críticas a censura, dogmatismo e princípios do ultramontanismo, sistema que defende a superioridade Papal no que diz respeito à matéria de fé e disciplina. Sobre a relação conturbada entre Maçonaria e Igreja, Celeste Cordeiro nos mostra alguns dos ataques feitos pelos maçons nas páginas de seu periódico:

> O bispo D. Vital, pivô do choque entre Governo e Igreja por, junto com D. Macedo Costa, atacar a maçonaria, é duramente criticado pelo jornal maçom em 20 de janeiro, chamado de traidor, renegado, fanático, etc. também são reconhecidos interesses escusos nas atividades da Igreja: "Conceda-se a Roma o poder temporal, o domínio da sociedade e farte-se de ouro, que ela abre as porta do céu aos pecadores [...]". Do mesmo modo, *Fraternidade* desconfia das razões por que o governo do Equador é considerado tão virtuoso pela igreja católica. Em que se consistiria tal virtude? O jornal responde: "Consiste em abrir no magro orçamento do Estado mais uma verba de despesa para a dotação do *pobrezinho* Pio IX [...] e também em sujeitar o país a Roma [...]".[28]

No dia 10 de março é feita uma crítica ao mercenarismo dos católicos da *Tribuna*:

> Custa muito cara a palavra de Deus que, para a salvação dos fiéis, está a repetir a *Tribuna Católica*, mas o caso não é novo. [...] Um sermão custou sempre muito dinheiro, um responso nunca se fez gratuitamente.[29]

Também no dia 10 de março são feitas críticas ao *Ultramontanismo* e ao *Comunismo*, encarados como ameaças a autonomia do individuo e da sociedade:

---

[26] *Fraternidade*, 9/12/1873.
[27] *Fraternidade*, 9/12/1873.
[28] CORDEIRO, Celeste. **Antigos e Modernos no Ceará Provincial**. São Paulo: ANNABLUME, 1997. P. 188.
[29] *Fraternidade*, 10/03/1874.

> No velho continente, a sociedade civil, para manter sua autonomia, [...] arma-se para a luta com a internacional vermelha, que proclama a expropriação geral em benefício da comunidade e aniquila os fundamentos [...] da propriedade; e com a não menos célebre internacional negra, que [...] eleva à altura de dogma social a negação da liberdade de pensar e a abdicação das almas ante a prepotência cezariana do papado. Ultramontanismo e comunismo se [...] unem para um mesmo fim [...]: reduzir a razão pelo obscurantismo e [...] amordaçar a consciência e a vontade [...].[30]

A crítica também ao Comunismo demonstra o momento histórico de desenvolvimento do capitalismo e da burguesia vivido pelos editores. O liberalismo trazia em seu discurso promessas de autonomia, desenvolvimento econômico e político, além do predomínio da razão, da intelectualidade e da libertação dos povos, o que foi defendido nas publicações do jornal maçom. Em relação ao ensino sob o controle da Igreja Católica, vejamos o que dizem os redatores do *Fraternidade*:

> Um pobre menino, educado no gênero que exige a política romana, está em rigoroso noviciado. Se lê, é somente porque assim é de mister para aprender o catecismo. Morre-lhe todo o estímulo. No Ceará assim acontece, a exemplo de todas as partes, e é dever da imprensa pôr bem patente o perigo que ameaça a obra [...].[31]

Para os editores maçons, a intelectualidade só era utilizada pela Igreja Católica na busca de alcançar seus objetivos morais, e era papel da imprensa denunciar tais abusos de poder.

> Pode haver na sociedade seres humanos que desconheçam toda a sua vida a cauza e a razão de ser dos phenomenos que continuamente se succedem no mundo physico; pode acontecer nunca terem alevantado a vista a regiões sidéreas com o fito de desvendarem os mysterios que apparentemente encerram os domínios do infinito; mas certo, nenhum há que permaneça indifferente ou insensível a acção das leis moraes no mundo da consciência. Para que uma verdade scientifica adquira o império da razão e se torne cidadã no universo, é necessário que tenha perigrinado por séculos em muitos cérebros *d´élite* até encontrar um Galileu, um Newton ou um Kepler, que lhe abra as portas do templo da demonstração, luminosa e irrefutável.[32]

Os editores do *Fraternidade* defendem a soberania da razão, mesmo nas leis morais estabelecidas pela Igreja Católica, e sem o conhecimento intelectual necessário para questionar os costumes ultramontanos, no mundo da consciência, segundo os editores maçons, não há um indivíduo que permaneça indiferente ou insensível em meio as regras morais católicas. E ainda segundo os jovens intelectuais, para que uma verdade científica adquira o império da razão é necessária uma *evolução*, por cérebros *d'elite*, intelectuais, homens letrados que possam “abrir as portas do templo da demonstração”. Quem seriam então esses homens capazes de tal feito na cidade de Fortaleza no período, senão os próprios jovens maçons?

Em 12 de maio de 1874, os maçons se queixam de ataques vindos da Igreja Católica:

[30] *Fraternidade*, 10/03/1874.
[31] *Fraternidade,* 5/04/1874.
[32] *Fraternidade*, 6/01/1874.

> **Mais um excommungador. -** Communicam-nos de Baturité: O padre Sebastião capellão do Coité, acaba de excommungar ao lenente Antonio de Freitas Guimarães Primo, pelo crime de haver, em uma reunião, levantado um Brinde a maçonaria! Que grande crime este!
> **Cazamento sem benção.** - No dia 12 do corrente celebrou-se na Sé o cazamento de nosso illustre Ir. . o Sr. Francisco de Alencar Mattos. O nosso digno Ir. . tendo sabido resistir as insidiosas suggestões do *negro mocho* da sachristia, foram-lhe negadas as bençãos nupciaes.
> Em artigo edctorial tratamos hoje largamente desse assumpto.
> Em nome da Ord. Dirgimos nossas congratulações ao intrépido mancebo que tão nobremente procedeu, sustentando os seus brios de maçon e seu pundonor de homem de bem (destaques do próprio jornal).[33]

Apesar dos ideais liberais e maçons defenderem uma sociedade nos pilares de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*, os jovens editores do *Fraternidade* ainda viviam em uma sociedade moldada nos costumes e hábitos católicos, o que foi utilizado pela Igreja Católica como forma de rebater as críticas feitas pelos jovens maçons, casamentos, batismos e até mesmo testamentos foram proibidos de ser realizados para aqueles que se denominavam maçons, a Igreja Católica acabou aumentando a sua riqueza as custas dos maçons que não puderam deixar testamentos e tiveram seus bens alocados para "causas justas".

Sobre a Maçonaria, os jovens redatores deram a sua definição em 24 de março de 1874:

> Devemos uma resposta à *Tribuna*, que todos os dias increpa a maçonaria pelo seu segredo, e lhe attribue vistas tenebrosas. Digamos-lhe o que somos, e como procedemos.
> Ouça-nos:
> Em noite tenebrosa, que só a luz fugaz do relâmpago, por instantes illuminava, um caminheiro, sobre o vértice de uma montanha se achou em frete a uma rocha, que lhe impedia de proseguir!
> Sentou-se triste e desanimado. Nem lhe era dado voltar, nem proseguir, e a noite se adiantava ameaçadora; os perigos eram de todos os lados.
> E outro caminheiro, que chegara, reuniu os seus esforços aos esforços do primeiro, e tentando debalde remover o obstáculo, sentou-se ao seu lado, igualmente triste e desanimado!
> E chegou um terceiro,...foram chegando outros, tentado embalde e cada vez a salvação commum. Por fim eram uma multidão... Tentaram novamente remover o obstáculo; cedeu a rocha, e todos estavam salvos!
> A união faz a força, demonstra o auctor da lenda, o sábio e justo Lammenais.[34]

Temos a partir do trecho citado o sentimento expresso de uma Maçonaria de todos e que fosse forte o suficiente para remover os obstáculos que se apresentavam em forma de condutas morais, costumes e hábitos alinhados ao pensamento ultramontano, a educação era para os maçons uma das chaves de libertação do mundo católico, através de suas obras, livros e o próprio jornal.

Entretanto, o projeto maçom através do Fraternidade não foi alcançado, a disputa pela gestão racional da cidade teve continuidade através de outros organismos que surgem no decorrer XIX e início do XX, encontrando em novas tipologias ideológicas a sua defesa de cidade moderna.

[33] *Fraternidade*, 12/05/1874.
[34] *Fraternidade*, 24/03/1874.

**3.Fontes**

*O Fraternidade* (1873 - 1875)

**4. Bibliografia**

AMED, Fernando. **As Cartas de Capistrano de Abreu:** Sociabilidade e vida literária na *belle époque* carioca. São Paulo: Alameda, 2006.

AZEVEDO, Sânzio. **Grêmios Literários do Ceará.** In: SOUZA, Simone de. (Org.) **História do Ceará.** Fortaleza: UFC, Fundação Demócrito Rocha, 1989.

BARREIRA, Dolor. **História da Literatura Cearense.** Fortaleza: Instituto do ceará, 1948.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_______________. **Distinction**. A social critique of the judgment os taste. Trad. De R. Nice. Cambridge (mass.): Harvard University Press, 1984.

_______________. **In the words**. Essays rowards a reflexive sociology. Trad. De M. Adamson. Londres: Polity Press, 1990.

CARDOSO, Ciro Flamarion. (org.) e MALERBA, Jurandir. (org.). **Representações: Contribuição a um debate Transdisciplinar**. São Paulo: Papirus Editora, 2000.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual:** Biscoito fino e travoso. 2ª Ed., Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de cultura do estado do Ceará, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994, Tradução: Ephraim Ferreira Alves.

CORDEIRO, Celeste. **Antigos e Modernos no Ceará Provincial**. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil.** 2 ed. Rio de Janeiro: Sul-Americana, vol. 3, 1968.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_________________. (1995). "The world as representation (1989)". In: REVEL, J. e HUNT, L. (orgs.) **Histories. French constructions of the past.** Trad. De Arthur Goldhammer. Nova York: The New Press.

MARX, Karl. **A ideologia Alemã**: Feuerbach – A contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. São Paulo: Editora Martin Claret, 1932.

NEVES, B. A. C. **Intrépidos Romeiros do Progresso**: maçons cearenses no Império. Fortaleza: Museu do Ceará, 2009.

NOBRE, Geraldo. **"A Revolução de 1817 no Ceará."** In: SOUZA, Simone de. **História do Ceará.** 2 ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

PINHEIRO, Francisco José. **O Processo de Romanização no Ceará.** In: SOUZA, Simone de. (Org.) **História do Ceará.** Fortaleza: UFC, Fundação Demócrito Rocha, 1989.

STUDART, Guilherme Barão de. **Para a História do Jornalismo Cearense (1824 – 1924).** Fortaleza: Typografhia do Instituto do Ceará, 1925.